

## Devir-Pessoa

1. A poesia de Pessoa contém uma característica intrigante, de que se fala muito e que se interroga pouco: o seu poder de captura. Entrar em Pessoa é um perigo: eventualmente não mais de lá se sai. Conheço pessoanos que dedicaram a vida inteira ao estudo da sua obra e nutrem por ela, depois de décadas de convivência íntima e constante, amor e ódio, exasperação, paixão, sufoco, admiração sem fim, e novamente claustrofobia, hostilidade.

Nesta gama de *mixed feelings*, há de tudo: pessoanos que o tratam por tu, como se estivesse vivo e presente em carne e osso, outros que imaginam cenas eróticas com Ofélia como se descrevessem cenas reais, etc., etc. Entraram tão profundamente em Pessoa que se tornaram Pessoa — julgam eles, e têm razão, porque, em parte, o Pessoa deles é aquele em que ele os tornou.

Recentemente ainda, com o fenómeno Pessoa a alastrar pela Europa e pelo mundo — hoje a epidemia estabilizou ou está mesmo em regressão —, quantas vezes se ouvia, em congressos, colóquios ou conferências, alguém gritar: «Já basta de Pessoa!» Textualmente, foi essa a exclamação de um filósofo francês, num colóquio, acrescentando depois, para justificar as suas palavras: «É que, se não decidimos parar, nunca mais pararemos, seremos devorados!»

Há, pois, um poder muito especial de captura do leitor pela poesia de Pessoa. Que eu saiba nunca foi analisado, talvez por se considerar um traço exterior, não-literário, da sua obra — para ser estudado pela sociologia da literatura ou qualquer outra disciplina semelhante — ou, pelo contrário, por se considerar uma característica natural de toda a grande obra que suscita admiradores incondicionais para a vida inteira.

Simplemente, o caso de Pessoa não se pode comparar ao de tantos outros artistas apenas como um fenómeno mais intenso de adesão, ou mais universal, amplificando, afinal, o que se passa com aqueles. Qualquer coisa de *natureza* diferente acontece ao leitor de Pessoa: precisamente uma relação pessoal, quase real, se estabelece, de tal maneira que a própria leitura se transforma, participando numa série de estranhos fenómenos que atravessam o leitor. Darei um exemplo: quando, há uns anos, dei um curso em Paris sobre o *Livro do Desassossego*, uma senhora alemã veio falar comigo no fim da sessão para me dizer: «Sabe, eu sou escritora, e estou a ler o *Livro do Desassossego*. É tão extraordinário que sinto inveja dos outros que o lêem também além de mim.»

Por causa desta e de outras reacções do mesmo tipo, proponho-me encarar o poder de atracção da escrita pessoana como uma sua característica interna. E procurar as razões de um tal poder: se se revelarem realmente internas, a hipótese poderá trazer qualquer coisa de novo à inteligência de uma das maiores obras poéticas do século XX.

2. Nos *Apontamentos para Uma Estética Não-Aristotélica*, Fernando Pessoa mostra que pressentiu a natureza do impacto que a sua poesia tinha (e a sua obra teria) no leitor. Procurando definir a sua arte por oposição à arte segundo Aristóteles<sup>1</sup>, e partindo da afirmação de que a arte «é, antes de tudo, *um esforço para dominar os outros*»<sup>2</sup>, opera em seguida uma série de dicotomias, quase à maneira da dialéctica platónica, para chegar a uma primeira conclusão: enquanto a arte de raiz

aristotélica capta, a sua, quer dizer, «a arte como eu a entendo e defendo», domina subjugando.

Porque «há dois processos de dominar e vencer — captar e subjugar. Captar é o modo gregário de dominar ou vencer; subjugar é o modo antígregário de dominar ou vencer»<sup>3</sup>.

Comparando com os meios políticos de dominar os outros, Fernando Pessoa atribui a captação, como estratégia, à democracia e à monarquia, e a subjugação à ditadura e à tirania. «É ditatorial todo o sistema político que vive de subordinar e de subjugar — seja o despotismo artificial do tirano de força física, inorgânico e irrepresentativo, como nos impérios decadentes e nas ditaduras *políticas*; seja o despotismo natural do tirano de força mental, orgânico e representativo, enviado oculto na ocasião da sua hora, dos destinos subconscientes de um povo.»<sup>4</sup>

É claro que Fernando Pessoa vai descrever a sua poesia, que subjuga, aproximando-a deste segundo tipo de tirano. Fica-nos, desde já, a ideia de que a poesia não-aristotélica não deseja captar ou seduzir — numa palavra, gregarizar. Mas, afirmando a força de uma individualidade sobre os outros, impõe-na directamente, como o tirano «orgânico e representativo», ou como «a religião propriamente dita [o terceiro modo de dominar e vencer os outros], que é o sistema de subjugação, porque subjuga pelo dogma improvado e pelo ritual inexplicável, agindo assim directa e superiormente sobre a confusão das almas»<sup>5</sup>.

A obra de Fernando Pessoa não só imporá a sua força sem empregar os meios habituais da captação — a sedução pelo agradável, a argumentação, a explicação — mas subjugará à maneira do tirano representativo ou da religião dogmática: insuflando nos outros um elemento propriamente irracional, «inexplicável» e misterioso, agindo directamente sobre os subconscientes. Esta subjugação exclui a força brutal, inorgânica, «artificial»<sup>6</sup>. Trata-se de um outro tipo de força — que será necessário analisar.

Quando aborda a arte, Fernando Pessoa é mais explícito. No entanto, devemos reter qualquer coisa das analogias com a política e a religião. «Assim como na política e na religião, assim na arte.»<sup>7</sup> Uma vez afastada a arte «segundo Aristóteles», porque se baseia na ideia de beleza, na ideia de inteligência, no que é compreensível para ser a todos agradável, Fernando Pessoa passa a enumerar os traços característicos da sua própria arte, segundo uma estética não-aristotélica: «Baseia-se naturalmente na ideia de *força*, porque se baseia no que *subjuga*; baseia-se na *sensibilidade*, porque é a sensibilidade que é particular e pessoal, e é com o que é particular e pessoal em nós que dominamos, porque, se não fosse assim, dominar seria perder personalidade, ou, em outras palavras, ser dominado; e baseia-se na unidade espontânea e orgânica, *natural*, que pode ser sentida ou não sentida, mas que nunca pode ser vista ou visível, porque não está ali para se ver.»<sup>8</sup>

As ideias que Fernando Pessoa acaba de expor vão ser em seguida desenvolvidas decisivamente. Retenhamos alguns pontos: a força de influência da arte segundo Pessoa funda-se na sua singularidade absolutamente única; e esta supõe a organicidade, a espontaneidade e a naturalidade de um elemento oculto, não visível, porque, se o não fosse, perderia aquelas propriedades.

Residiriam aqui talvez as razões que procuramos do laço tão específico que une a poesia e o leitor de Pessoa. Razões, porém, demasiado gerais ainda. Como caracterizar a «sensibilidade pessoal» a que se refere o texto? O que significa a «unidade espontânea e orgânica, natural» da obra ou do poema? Porque é que todos estes elementos contribuem para a subjugação do leitor?

Sem responder a estas perguntas, o texto citado continua precisando o que se deve entender por sensibilidade não-aristotélica, o que nos ajudará sem dúvida a compreender melhor o poder pessoal da poesia pessoana, já que é pela sensibilidade que ele se exerce: «Toda a arte parte da sensibilidade e ne-

la realmente se baseia. Mas, ao passo que o artista aristotélico subordina a sua sensibilidade à sua inteligência, para poder tornar essa sensibilidade humana e universal, ou seja, para a poder tornar acessível e agradável, e assim poder *captar* os outros, o artista não-aristotélico subordina tudo à sua sensibilidade, converte tudo em substância de sensibilidade, para assim, tornando a sua sensibilidade *abstracta* como a inteligência (sem deixar de ser sensibilidade), *emissora* como a vontade (sem que seja por isso vontade), se tornar *um foco emissor abstracto sensível* que force os outros, queiram eles ou não, a sentir o que ele sentiu, que os domine pela força inexplicável, como o atleta mais forte domina o mais fraco, como o ditador espontâneo subjuga o povo todo (porque é ele todo sintetizado e por isso mais forte que ele todo somado), como o fundador de religiões converte dogmática e absurdamente as almas alheias na substância de uma doutrina que, no fundo, não é senão ele próprio.

O artista verdadeiro é um foco dinamogéneo...»<sup>9</sup>

Que se me perdoe esta longa citação, mas ela contém, explicita e implicitamente, todos os elementos que interessam à resolução do nosso problema.

Chamemos, pois, com Pessoa, «subjugação» à forma de adesão a que a sua própria poesia obriga o leitor, quer ele queira quer não. Subjugar significa dominar exercendo uma influência inconsciente («inexplicável») sobre o leitor. Qual o resultado dessa influência? Forçá-lo a sentir o que ele próprio, artista, sentiu.

Podíamos utilizar aqui a velha noção de «identificação», tão ao gosto da psicanálise. Com a desvantagem de ela remeter para outra noção, a de representação, quando o texto nos fala antes de forças e de sensibilidade. Não é através de mimetismos de imagens ou de sentidos simbólicos que o leitor é levado a sentir o mesmo que o autor, mas por efeito de forças da sensibilidade trabalhadas de uma certa maneira. Melhor que identificação, melhor mesmo que simbiose (veremos